

Debate do Movimento Escola PÃºblica em Viseu

12-Apr-2008

Pais e professores querem maior investimento nas escolas e criaÃ§Ã£o de equipas de apoio

A Escola PÃºblica esteve ontem em destaque num debate que juntou pais e professores em Viseu. Que escola temos? Como Ã© aquela que queremos projectar no futuro? O que Ã© necessÃ¡rio alterar? Estas foram algumas das questões que estiveram ontem em anÃ¡lise no Solar dos Peixotos, em Viseu, a propósito do debate sobre "Escola PÃºblica". Na iniciativa participaram a professora GraÃ§a Pinto, representante do Movimento com o mesmo nome, e a presidente da FederaÃ§Ã£o Regional de AssociaÃ§Ãµes de Pais de Viseu, Maria JosÃ© Viseu. Em comum, as duas intervenientes tÃ³m a ideia de que a temÃ¡tica da escola se reveste de grande actualidade, sendo necessário analisar os problemas e os desafios que a mesma enfrenta, na medida em que podem por em causa alguns dos valores que a caracterizam e que se apresentam como estruturantes. A igualdade de oportunidades e a democracia, nomeadamente ao nÃvel da gestÃ£o, sÃ£o alguns dos aspectos que GraÃ§a Pinto considera estarem em risco se se continuar a insistir em polÃ-ticas desajustadas.

Como exemplo, dÃ¡ a concentraÃ§Ã£o de poderes no Conselho Executivo, que passa a nomear os coordenadores de departamento, atÃ© agora eleitos. Paralelamente, apontou ainda que o Ã³rgÃ£o pedagÃ³gico vÃª as suas intervenÃ§Ãµes diminuÃ-das, "o que poderÃ¡ ter reflexos negativos na cooperaÃ§Ã£o em equipa". Escolas pÃºblicas "tÃ³m menos oportunidades" O desinvestimento em termos de recursos humanos e materiais, que se opõe ao aumento de responsabilidades e aos novos desafios colocadas Ã s escolas, merece tambÃ©m crÃ-ticas por parte da docente, assim como o novo modelo de avaliaÃ§Ã£o dos professores que estÃ¡ "a destabilizar" os estabelecimentos de ensino numa altura em que os seus agentes deveriam estar concentrados em apoiar os alunos aos nÃ-veis pedagÃ³gico e educativo. "Ã‰ pesado e burocrÃ¢tico", apontou, realÃ§ando que no Agrupamento de Escolas de Celorico da Beira o processo foi suspenso, o que poderÃ¡ acontecer noutras instituiÃ§Ãµes. "As escolas dividem-se entre uma posiÃ§Ã£o crÃ¢tica e de expectativa", revelou, convicta de que em muitas nÃ£o vai ser possÃvel implementÃ¡-lo. A falta de infra-estruturas fÃ-sicas, de auxiliares de acÃ§Ã£o educativa e de tÃ©cnicos foi um dos problemas apontados por Maria JosÃ© Viseu Ã escola pÃºblica, que na sua opiniÃ£o se encontra num patamar inferior, em termos de valÃªncias e oportunidades, face ao serviÃ§o pÃºblico de educaÃ§Ã£o. Por isso, a responsável defendeu que Ã© necessário definir o modelo que se quer para as escolas, nomeadamente no que diz respeito Ã vertente social e Ã sua funÃ§Ã£o de ensinar e formar. A este nÃvel, nÃ£o esqueceu que o desafio passa por conseguir que o paÃs se consiga integrar na Europa e apresentar cidadÃ£o competentes e competitivos, com destaque para a componente cientÃ-fica. Em contrapartida, lamentou que se esteja a apostar em polÃ-ticas educativas que pÃ³em em causa a chamada escola pÃºblica. A diminuiÃ§Ã£o da participaÃ§Ã£o dos pais que, ao abrigo do novo estatuto do aluno, passam a ser "meramente informados" e deixam de ter quota de representaÃ§Ã£o com a proposta do modelo de autonomia e gestÃ£o; Ã© outro dos aspectos que criticou a propósito do que considera ser "um retrocesso". Ao nÃvel distrital, a principal preocupação vai para o encerramento das escolas do 1º ciclo que, para Maria JosÃ© Viseu, potenciam a desertificação do Interior e tÃ³m repercussões sociais ao nÃvel do desenraizamento e da indisciplina. "Esta Ã© consequÃªncia de uma sÃ©rie de medidas desajustadas", concluiu. SoluÃ§Ãµes apontadas. A questão da violÃªncia e da indisciplina, que tanto tem estado em destaque pelos piores motivos com a denÃ³ncia de casos especÃ-ficos nas escolas, tambÃ©m nÃ£o foi esquecida. A falta de apoios educativos nas salas para alunos com necessidades especiais, a criaÃ§Ã£o de turmas "de primeira e segunda", a falta de auxiliares para acompanharem os estudantes nos intervalos e as condições fÃ-sicas oferecidas por alguns estabelecimentos foram as principais queixas das intervenientes. Para colmatar a situação, e evitar que situaÃ§Ãµes como aquelas que tÃ³m sido dadas a conhecer se repitam, a presidente da FederaÃ§Ã£o sugeriu que seja feito um trabalho a montante e haver uma boa rede social. Sobre este ponto, a docente GraÃ§a Pinto defendeu a constituição de equipas pluridisciplinares, com assistentes sociais, professores e psicÃ³logos, que, em cooperação com os centros de saúde, possam acompanhar as famÃlias em situação mais complicada. Promover ações que dão a conhecer a importância das escolas e dos professores, a elaboração de turmas mais pequenas e a promoção de acções que debatem o estado da Educação, também estÃ¡ entre as ideias apontadas. "Ã‰ importante ouvir as pessoas que estão no terreno, o que pensam as associaÃ§Ãµes de pais, as federaÃ§Ãµes e a comunidade educativa e só depois passar-se para medidas nacionais", sustentou Maria JosÃ© Viseu, que tem uma filha no 11º ano, e se prepara para realizar pela primeira vez exames nacionais, e um rapaz a frequentar o 8º ano.